

Villa da Ponte da Barca

É summamente aprazivel a situação d'esta villa. Está sentada em uma collina pouco elevada na margem esquerda do Lima, e proximo da confluencia d'este com o rio Vez. Cercam-n'a por todos os lados basto arvoredo, veigas sempre verdes, e prados que vecejam perennemente. Na parte mais alta ergue-se a egreja matriz, dominando, com a sua torre ponteaguda, toda a povoação; e na mais baixa espelham-se as casas na lisa superficie do rio, onde tambem se retrata a magestosa ponte, que dá communicação da villa para a margem opposta. Esta guarnece-se de arvores, que brincam com a corrente fugitiva. E nas costas da villa avultam ao longe elevadas montanhas, fazendo caixilho a todo este gracioso painel.

A 3 kilometros para o interior fica-lhe a villa dos Arcos de Val de Vez, cabeça de julgado.

A uns 16 kilometros, ou pouco mais, descendo pelo rio, está a villa de Ponte do Lima, edificada, como a da Ponte da Barca, na margem esquerda; e d'ahi para baixo, a outra tanta distancia, senta-se na margem direita, junto á foz do Lima, a cidade de Vianna do Castello.

A villa da Ponte da Barca não se illustra com uma remota origem, d'essas que se perdem entre fabulas na escuridão dos tempos; nem se honra com successos que a historia se apraz de registar. São tão breves e singelos os seus annaes, que, se não tivessem de commemorar a vida de alguns filhos benemeritos, que ennobreceram a patria com as suas luzes e virtudes, com os escriptos que deixaram, e com os cargos que exerceram, limitar-se-hiam apenas a narrar a modesta fundação da villa, e a descrever-lhe as bellezas naturaes, e a fertilidade do terreno.

Até ao meiado do seculo XIV eram ermos aquelles logares, isto é, não havia alli habitação alguma. Porém, desde tempos muito anteriores, transitavam por ahi muitos viandantes, pela commodidade que lhes offerecia, primeiramente uma barca de passagem, e depois uma ponte, qualquer d'ellas de muita antiguidade. Pelos annos, pois, de 1350 estabeleceu-se alli uma familia, edificando uma pobre casa de venda. A concurrencia dos passageiros fez com que em breve prosperasse a vendasinha, e essa prosperidade attrahiu ao sitio mais alguns moradores, de sorte que no fim do seculo já se viam varias casas, que formavam o nucleo de uma aldeia.

Entre as familias que a esse tempo occupavam aquellas casas, contava-se a de Maria Lopes da Costa, e seu marido Gonçalo Affonso de Aboim, ambos de illustre linhagem. A esta senhora é que pertence propriamente o galardão de fundadora da villa da Ponte da Barca, pois que foi quem a povoou, e d'ella descenderam os senhores da villa. Maria Lopes viveu cento e dez annos; foi casada duas vezes, e teve dos

dois matrimonios cento e vinte filhos, netos e bisnetos, oitenta dos quaes residiram n'aquella mesma terra, em convivencia diaria com sua fecundissima progenitora.

Quando el-rei D. Manuel foi a Galliza, a visitar S. Thiago de Compostella, pousou nas casas de Maria Lopes, que foram as primeiras que alli houve sobradadas. Já não existia a boa da velhinha. Sua filha, Isabel Gonçalves da Costa, é que recebeu o soberano, e que fez as honras da casa. El-rei, informado de tudo anticipadamente, quiz ver reunida aquella numerosa prole, o que se effeituou com muito aprazimento seu. E não podendo dar provas da munificencia real a quem lhe dera tão grande numero de vassallos, contentou-se de fazer mercês a todos os membros d'esta familia patriarchal, segundo os sexos e edades, concedendo tambem á terra foral com varios privilegios. Assim se formou esta povoação, e d'est'arte descendem quasi todas as familias de Maria Lopes da Costa.

A etymologia do nome deriva-se da barca e da ponte, que precederam a povoação; e póde ser que sómente provenha da segunda, que talvez fosse ponte de barcas, como a que atravessava o Douro entre Villa Nova de Gaia e a cidade do Porto, antes da construcção da actual ponte pensil.

A egreja de S. João Baptista é a unica parochia da villa. Foi construida no seculo XVII. Até então era a matriz a egreja de S. Martinho de Paço Vedro, que fica a pouca distancia.

A villa é pequena, pois apenas tem, por assim dizer, uma rua, e não chega a conter mil habitantes. Possue algumas casas de boa apparencia, casa de misericordia e hospital, algumas ermidas, um theatro, fundado por subscripção particular, e onde representa, de vez em quando, uma companhia de artistas, e uma fonte abundante de excellente agua.

A ponte é de pedra; está construida com muita solidez, e offerece um lindo passeio, por quanto d'ella se desfructam para todos os lados variadas e risonhas paizagens. Não sabemos a epocha da sua fundação; entretanto suppomos que teve principio no reinado del-rei D. João III, tendo tido depois diversas reedificações de pouca importancia, feitas para reparar estragos causados pelas cheias.

O Lima faz a terra mimosa de excellente pescado, tal como salmões, lampreias, saveis, trutas, salmonetes, escalhos, relhos, e bogas. As hortas e pomares dos suburbios fornecem-lhe algumas hortaliças e diversidade de frutas. O concelho, que não é muito extenso, encerra terrenos fertilissimos, que produzem trigo, milho, centeio, feijão, batatas, linho, castanhas, vinho, e algum pouco azeite. Tem criação de gado, recolhe bastante cera e mel, e não lhe falta caça.

Para se ajuizar da belleza e amenidade dos arrabaldes da villa, bastará lembrar que se acham no coração da formosa provincia do Minho, e que os cortam e fertilisam o Vez, e o Lima, um dos rios mais encantadores e poeticos de Portugal. Isto equivale a dizer que os campos, todo o anno cobertos de verdura, são bordados de carvalhos e castanheiros por onde trepam as videiras até cairem em festões; que as encostas dos montes estão vestidas de frondosos bosques; e que por toda a parte rebentam fontes, e serpeiam regatos.

Na visinha freguezia de S. Martinho de Paço Vedro está a antiga *casa e torre de Magalhães*, solar da familia de appellido Magalhães e Menezes, de bastante nobreza, cujos chefes foram senhores da villa da Ponte da Barca, descendendo portanto de Maria Lopes da Costa, e de Gonçalo Affonso de Aboim.

Na freguezia de S. João de Grovellas, do mesmo concelho, ha um monte em que existem umas grandes cavas chamadas a *Tina de oiro*. Segundo a tradição foi uma rica mina d'este metal, explorada outr'ora. Se a tradição é verdadeira, será provavel que fossem os phenicios ou os romanos os exploradores, porque os povos que lhes succederam no dominio da Lusitania não cuidavam, ou davam-se pouco a estas pesquizas, e desde a fundação da monarchia portugueza até aos nossos dias não temos encontrado memoria de que se fizesse alli trabalho algum de exploração mineralogica, havendo tantas noticias das explorações emprehendidas em todo o paiz nos differentes reinados.

Na freguezia de S. Thiago de S. Priz, ergue-se um alto monte, inaccessivel de um lado, e de difficil accesso por outro, o qual limita por esta parte o concelho da Ponte da Barca. Na coroa do monte vêem-se as ruinas do *castello da Nobrega*, de fundação coeva com a da monarchia. A sua lenda, cheia da poesia das eras cavalleirosas, diz respeito a um dos seus primeiros senhores, *D. Ourigo* ou *o velho da Nobrega*, como então lhe chamavam mais commummente, fidalgo tão nobre de sangue, quão distincto por acções de extremado valor, sobre tudo contra os moiros, de quem foi o flagello e o terror. O castello conservou-se de pé por largos seculos com pouca ruina, até que o prostraram primeiro um tremor, e depois um raio.

A villa da Ponte da Barca pertence ao districto administrativo de Vianna do Castello.

Por decreto de 17 de dezembro de 1815 foi elevada pelo principe regente, D. João, a cabeça de condado em favor de Antonio de Araujo e Azevedo, com o titulo de conde da Barca, simplesmente.

Por decretos de 14 de outubro de 1845, e 12 de outubro de 1847, creou a rainha, sra. D. Maria II, de saudosa recordação, primeiro barão e primeiro visconde da Ponte da Barca ao sr. Jeronymo Pereira de Vasconcellos, ministro de estado honorario, e marechal de campo reformado.

Entre os filhos que mais illustraram esta terra nomearemos os seguintes: *D. João Pimenta*, que foi bispo de Angra, e era ornado de muita sciencia e virtudes; *Jeronymo Pimenta*, desembargador do paço, e celebre jurisconsulto; *Diogo Bernardes Pimenta*, distincto poeta a quem denominaram *principe da poesia pastoril*, o qual, fallecendo em Lisboa no anno de 1596, foi enterrado na egreja das freiras de Sant'Anna, junto da sepultura de Luiz de Camões, de quem era amigo [1]; e o acima referido conde da Barca, que foi um dos nossos mais notaveis diplomatas, e homens de estado, durante as difficeis quadras que Portugal atravessou nos fins do seculo passado, e principios do actual. O conde da Barca foi enviado extraordinario e ministro plenipotenciario em á corte de Haia no anno de 1787; teve o mesmo cargo para ajustar a paz com a França em 1795; e em 1801 com a França e Hespanha. Foi no mesmo anno de 1801 em missão extraordinaria a Haia, e em 1802 á Russia. Foi nomeado ministro e secretario de estado dos negocios estrangeiros e da guerra em 1804; conselheiro de estado em 1807; presidente da junta do commercio no mesmo anno; e ministro da marinha e Ultramar em 1814. Teve as grã-cruzes das ordens de Christo, Torre e Espada, Isabel a Catholica, e Legião de Honra. Falleceu no Rio de Janeiro em 1817.

I. DE VILHENA BARBOSA.

AMOR DE CIGANA

(Vid. pag. 18)

Gritos de alegria saudaram a sua chegada. A bandeira da Virgem estava no topo da casa, e os varejadores e as apanhadeiras andavam dispersos pela sala em grupos pittorescos, com os rostos avermelhados pela purpura das vindimas, como diria Arsène Hous-

[1] Diogo Bernardes nasceu em uma casa nos arrabaldes da villa.

saye, e pulando-lhes o pé para dançarem. Assim que os quatro appareceram á porta, todos se apinharam em torno d'elles, comprimentando respeitosamente a austera senhora, perguntando em côro pela saude da *morgadinha*, e fallando a Jorge com respeitosa familiaridade. Só as apanhadeiras se faziam córadas como umas romãs, quando o lindo fidalguinho (assim entre si tratavam Jorge) as olhava; e as mais bonitas baixavam os olhos, lembrando-se, não desagradavelmente, de algum beijo colhido a furto pelo moço artista em noite de luar, quando ellas voltavam em rancho da apanha da azeitona.

Ás vezes o passeiante, caminhando pela estrada, e vendo uma roseira que deixa pender á beira do caminho as suas vermelhas urnas de perfumes, colhe por distracção uma rosa, que vae depois desfolhando negligentemente, lançando-lhe as pétalas ao vento, que as leva com indifferença nas prégas do seu manto diaphano. Nem mais pensa em tal, mas a pobre da roseira ficou ferida no coração. As folhas nacaradas, que o vento da tarde faz voltear por diante d'ella em ar de zombaria, causam-lhe, assim desprezadas e revoltas no pó, uma pungente tristeza! E a pobre roseira nem mais lembra ao viajante!

Quantos beijos não colheu o gentil pintor, como colheria uma rosa á beira da estrada, para lhes respirar o perfume, e esquecêl-os depois! E as pobres aldeãs, como as roseiras, deixavam ir n'esse beijo o seu coração! E ao vêl-o assim desprezado, gemiam em silencio! E Jorge nem as saberia differençar no meio das suas companheiras.

Acabados os comprimentos, a turba aldeã, pedida a competente venia, começou a dispor-se para a dança, e o tenente, o capellão, e o tal rapazola de Lisboa (segundo a classificação do senhor Sylvestre) acercaram-se tambem para apresentarem as suas homenagens aos donos da casa.

— Tu por aqui, Alberto!

— Tu por aqui, Jorge!

— Que feliz acaso?

— Que bemaventurada coincidencia?

— Como vieste cá parar?

— Que estás tu cá a fazer?

Eis as exclamações que se trocaram entre Jorge da Silveira, e o companheiro do padre capellão!

— Vou visitar um tio que tenho em Estremoz, respondeu finalmente Alberto, parei em casa do padre José, antigo amigo de meu pae, que teimou em querer que eu me demorasse por cá dois ou tres dias. *Voilá!*

— Pois eu, meu amigo, tornou Jorge dando-lhe o braço e afastando-se um pouco do grupo, saí de Lisboa, porque a existencia das cidades é, acredita-me, incompativel com uma organisação de artista. Ainda se fosse n'uma cidade da Italia, Roma, Florença, ou Genova! *Per Baccho!* Fecha-se á gente um dia inteiro no salão de lapis-lazuli do palacio Serra, percorrem-se as galerias, e vive-se n'um mundo ideal, n'um mundo sublime, n'um mundo, cujos habitantes são André del Sarto, Veronese, Van-Dick, e os Carrache! Em Roma tem a gente um *atelier* visitado por deliciosas transteverinas, descendentes em linha recta da Lesbia de Catullo, e da Corinna de Ovidio! Mas em Lisboa! Eu voltava de viajar, Alberto, e vinha saciado de maravilhas e de emoções! Percorrendo a Europa n'um isolamento selvagem, desconhecido, livre completamente das prisões das conveniencias, tinha conseguido evocar a fada das aventuras, fada um tanto caprichosa, que foge desdenhosamente do viajante do caminho de ferro, do viajante que leva cartas de recommendação, e que visita todos os monumentos com o seu *Guia da cidade* na algibeira. Eu não, meu amigo! Viajei como viajam os artistas, ou antes como elles viajavam no bom tempo em que ainda se fazia arte pela arte! Fraternisei com os bandidos dos Abruzzos, sentei-me no caes de Napoles com o barrete de *lazarone* na cabeça a executar as melodiosas cantigas do *improvisatore!* Quasi que cheguei a ter uma Graziella na ilha de Ischia; e tambem tive em Veneza quem me dissesse «*Gran cane della Madonna, é questo il tempo d'andare al Lido?*» Como querias tu que eu, depois d'isto, ficasse no Marrare a fumar um charuto, lendo o *Jornal do Commercio*, ou fosse para a platéa de S. Carlos aturar muitas vezes os guinchos dos cantores, e sempre os commentarios dos espectadores? Era impossivel, *amice!* Tentou-me o campo! Á falta das obras primas dos homens, tentaram-me as obras primas de Deus! Esse é que é um artista sublime, que não descura nenhum dos pontos do immenso quadro da natureza, e que em toda a parte offerece maravilhas ao olhar do verdadeiro apreciador.

— E dize-me lá, meu ingenuo Don-Juan, não te seduziu tambem a perspectiva de uma aventura alemtejana, que podesses collocar nas paginas brancas do livro dos teus amores, logo depois d'aquellas onde estão escriptas as aventuras napolitana e veneziana?

— Não, meu pobre Alberto. N'esse ponto o Alémtejo foi abandonado por Deus! Não pullulam aqui nem modelos de quadros, nem heroinas de romance.

— Perdão! Aquella vinheta ingleza que vejo ao pé da veneravel *maîtresse du logis* parece-me que adornaria lindamente o frontispicio de um poemeto amoroso.

— Ora!

— Por que?

— Tu o disseste! Vinheta ingleza, meu amigo! Vinheta bonita é exacto, mas que teve uma tiragem de quinhentos mil exemplares! Estive na Grã-Bretanha, meu caro, e a cada esquina de rua, em cada camarote de theatro, em cada salão de baile encontrei uma d'essas aguarellas de Lawrence! Cancei-me da perfeição, Alberto! Agora o meu grito de guerra é «Viva o incorrecto». De mais a mais, meu bom amigo, aquella menina inspira-me, e sente por mim uma affeição fraternal! Uma declaração de amor feita por mim a Lucia (o nome é de vinheta ingleza, bem vês), parece-me uma monstruosidade tamanha, como se se tratasse de fazer uma declaração de amor a minha irmã.

— Dá-me tu algumas informações a respeito d'esta familia.

— Eu t'as dou em duas palavras. A dona da casa, a sra. D. Francisca, amiga intima que foi de minha mãe, é filha de um antigo escudeiro da casa dos condes de Alemquer. Ficou orphã ainda muito criança, e os condes encarregaram-se da sua educação. Affeiçoaram-se-lhe extraordinariamente, e trataram-n'a como filha. Meu pae, filho, como sabes, do advogado, do conselheiro do velho conde, e que lhe succedeu na advocacia e na posse completa da confiança dos fidalgos, consagrou-lhe tambem uma verdadeira amizade, e, quando casou, minha mãe e D. Francisca tornaram-se intimas amigas. Quando já orçava pelos trinta annos, o conde de Alemquer lembrou-se então de a casar, e escolheu-lhe para marido este Sylvestre de Azevedo, bom homem, filho de um antigo rendeiro dos condes, actualmente opulento proprietario do Alémtejo. Os fructos d'essa união foram dois; um filho, que morreu ha de haver cinco annos de uma d'estas doenças originadas por esses arrozaes, que tornam tão salubre esta provincia da nossa patria, e essa filha, que tu admiras, e que eu estimo sinceramente. Ahi tens tu a historia resumida *des maîtres de céans.*

— Mas isso, meu amigo, é a historia, como se escrevia d'antes, e só lhe faltam uns dois ou tres milagres para ter as maiores parecenças com uma das

chronicas escriptas no fundo da sua cella por algum monge benedictino ou dominicano, mais puro entendedor das bellezas da castiça linguagem portugueza, do que são apreciador dos acontecimentos historicos. À tua narração falta por conseguinte a parte philosophica, a apreciação dos usos e costumes, as reflexões sobre o caracter dos teus personagens. Venha o supplemento.

— Ahi vae. D. Francisca é uma senhora altamente virtuosa.

— É a especialidade das Franciscas.

— Não zombes, peço-t'o. Tenho a maior veneração por esta boa senhora, e consagro-lhe um tão respeitoso affecto, que nem é abalado pelos prejuizos, arraigados no seu peito pela educação que recebeu, e que não só ferem altamente o senso commum, mas que chegam até a offender-me. Sylvestre é um bom homem, rustico a valer, que tem o maior respeito por sua mulher, a qual o trata um pouco sobranceiramente, devemos confessal-o. Lucia é uma rapariguinha, ingenua, candida, timida, innocente como uma educanda... de romance. Estás satisfeito?

— Plenamente, meu Balzac ignorado. Mas agora desce das regiões philosophicas a que te elevaste, contempla-me o quadro que tens á vista, e dize-me se Téniers ou antes Hogarth recusariam pôr a sua assignatura por baixo d'elle.

— Faltam-lhe as flamengas rubicundas e gorduchas.

Com effeito a scena era das mais pittorescas. Dois lampiões, pregados na parede, illuminavam escassamente a vasta quadra, onde giravam dançando as *modas* os aldeãos com as suas jalecas, e os seus tremebundos sapatos inundados de tachas, as aldeãs com o seu trajo pittoresco, as suas roupinhas bordadas de differentes côres, azues, encarnadas, pretas, debruadas de vermelho, as suas camisinhas de peitilho com folhos, e as sáias de baeta fina, cobertas com a sáia de chita, que se arregaçava airosamente a um dos lados, com os seus sapatos de laço e as suas meias brancas de neve. E tudo isto ia em turbilhão, n'um turbilhão de risos, de cantigas, de patadas e de danças. Tudo tinha caras alegres! Os grupos ora eram illuminados caprichosamente pela luz dos lampiões, ora se sumiam no escuro da sala, onde os velhos, os Nestores da aldeia, se sentavam, contemplando as danças da nova geração (palavrão que elles não conhecem; invejemos-lhe a sorte), e prestando uma attenção não menos terna, e muito mais sisuda e circumspecta, ás filhozes e ás broas que estavam francas aos convidados n'uma casa proxima. Que de ousadias não teria então algum audaz saloio, fiando-se nas massas de sombra que, segundo se vê, nem só a Rembrandt serviram; nas filhozes que absorviam a attenção dos papás; e no bom vinho que lhes turvava os olhos! Mysterios de um baile, que em toda a parte os tem, quer seja de walsas á luz dos lustres, quer seja de *modas* á luz das lanternas.

E a lua illuminava lá fóra as plantações da quinta, e o vento de outono agitava mansamente as arvores meio desfolhadas!

E a dança recrescia! E os bons varejadores, no meio dos quaes se distinguia o capataz pelo lenço encarnado que lhe cercava o pescoço, giravam, giravam, davam pulos incriveis, volteavam com o seu par, apertando-lhe a cintura com uma brutalidade enamorada, em quanto uma das apanhadeiras cantava com enthusiasmo

> Abre-te, ó caixa da India!
> Abre-te, ó meu coração!
> Quem te disse a ti, menina,
> Que o meu amor é João?

— Então aqui ha o pittoresco, ha a côr local, ou não ha, Jorge? — perguntava Alberto ao seu amigo.

— É um quadro completo.

— Com todos os accessorios. Repara na filha d'aquelle pobre tenente reformado, d'aquelle Cincinnato á força, que largou a dictadura de uma companhia de veteranos para vir empunhar o rabo da charrua! Dize-me lá se a pobre rapariga não está exactamente o que os francezes chamam *fagotée*.

— Pobre rapariga! É um Tantalo feminino, Alberto!

— Que ella estava no inferno mythologico, presentia eu, mas sempre imaginei que seria alguma das Eumenides.

— É um Tantalo do matrimonio! Os noivos fogem-lhe como o rio limpido e o cacho tentador fugiam dos labios calcinados do misero pagão.

— Silencio! Deixemos em paz o paganismo, e escutemos estes Damons e Menalcas do Riba-Tejo, que vão cantar ao desafio. O dito do poeta latino ainda não perdeu a verdade. *Amant alterna Camenæ*. Vamos a ver que taes são as inspirações das Camenas de cá.

Os aldeãos tinham-se sentado em circulo diante dos donos da casa, e tinham começado a entoar as suas improvisações. Acompanhava-os uma guitarra. Foram logo no principio os louvores aos donos da casa. A lisonja é habito inveterado nos improvisadores bucolicos. Desde o Tytiro de Virgilio, que não se esquecia de fallar ao seu companheiro no imperador Augusto, chamando-lhe Deus e noticiando que a esse poderoso soberano era devedor da mandria em que vivia *Deus nobis hæc otia fecit*, até ao Alcino de Quita, que, fallando no marquez de Pombal, dizia a Dorindo:

> D'este carvalho á sombra descançando
> Estão do Tejo todos os pastores:
> As mais das horas passo aqui cantando
> Com minha humilde frauta os seus louvores,

e desde o Alcino de Quita, até ao sôr *Manel* varejador, que dizia em verso de pé quebrado: «Vivam estes senhores, que nos deram filhozes», sempre os habitantes dos campos tiveram a mania de lisonjear quem pagava a cantilena. Submetto esta humilde reflexão á elevada critica dos philosophos.

A musa andou n'uma dobadoira n'aquella memoravel noite, saltando de um para outro poeta com uma rapidez admiravel, attendendo ao muito que coxeava.

O sr. Sylvestre de Azevedo tinha por mais de uma vez cubiçado metter-se nos folguedos dos seus varejadores; mas a presença de sua mulher obrigava-o a ser comedido. A final, quando as cantigas ao desafio chegaram ao seu auge, não se póde conter, e, voltando-se para uma guapa moçoila, que ainda não tinha entrado na contenda, bradou em tom alegre:

— Então vossê não canta, sôra Maria da Nazareth?

A moça ergueu-se logo toda lampeira, e respondeu com a maior seriedade:

> Meu senhor, se quer que eu cante,
> Dê-me um copinho de vinho,
> Que o vinho é coisa santa,
> Faz o cantar delgadinho.

Grandes gargalhadas, palmas, bravos, enthusiasmo delirante, ovação completa. Valeu á poetiza a ignorancia dos circunstantes a respeito das musas, se não era proclamada decima em sessão solemne.

Em todo o caso veiu o vinho, e as cantigas continuaram com maior animação. A poetiza, segundo se vê, gostava do loiro... das tavernas.

Mas, quando tudo estava no auge do prazer, um criado da quinta chegou á porta com modos melodramaticos, e bradou com voz espavorida:

— Os ciganos!

(Continua) M. Pinheiro Chagas.

FRAGMENTOS DE UM ROTEIRO DE LISBOA (INÉDITO)

PRAÇAS, CAMPOS E TERREIROS

CAMPO DE SANTA CLARA

Está situado este campo por detraz da egreja de S. Vicente de Fóra, em logar elevado, para o lado da extremidade oriental da cidade.

Na primeira metade do seculo XII não havia alli, nem nas proximidades, edificio algum. Era então a coroa de agreste monte, que se levantava ao oriente de Lisboa, sentada n'outro monte mais alto, mettendo-se apenas de permeio um valle pouco profundo.

A vastidão d'esse plaino levemente accidentado, e a sua visinhança da cidade mourisca, levaram D. Affonso Henriques, quando emprehendeu expulsar d'ella os infieis, a assentar alli os arraiaes do seu exercito, em quanto os cruzados estrangeiros, que o ajudaram na empreza, estabeleciam os seus no sitio em que vemos agora a egreja de Nossa Senhora dos Martyres e ruas adjacentes.

Rendeu-se a cidade ás armas portuguezas no dia 21 de outubro de 1147, e logo depois do triumpho veiu o vencedor ao sitio, onde tivera, durante o cêrco, uma capella com enfermaria e cemiterio, e ahi lançou os fundamentos do mosteiro de S. Vicente de Fóra. [1] Foi esta a primeira edificação que se fez n'aquelle monte deserto, occupando-lhe uma parte da coroa para o lado occidental. A segunda teve principio no anno de 1294, com a fundação do convento das freiras de Santa Clara, que se ergue no lado do sul. Este convento deu nome ao sitio, que se ficou chamando *campo de Santa Clara*.

Por largos annos permaneceram solitarios os dois conventos na crista do monte, fóra dos muros de Lisboa. Porém, traçando el-rei D. Fernando a nova cêrca de muralhas, que se terminou em 1373, o de S. Vicente ficou de dentro, e o de Santa Clara de fóra, mas junto dos muros.



Campo de Santa Clara

No meiado do seculo XVI, a infanta D. Maria, filha del-rei D. Manuel, e da rainha D. Leonor, sua terceira mulher, como frequentasse com assiduas visitas o convento de Santa Clara, cujas religiosas eram muito da sua predilecção, veiu morar em umas casas junto do convento. A exemplo d'esta princeza algumas familias se foram ahi estabelecer, construindo casas n'esse mesmo lado do sul, porém no declive do monte. Mais tarde edificaram-se, tambem n'essa encosta, mas proximo do alto, as duas fundições *de Cima*, e de *Santa Clara*, aquella em que se fundiu a estatua equestre del-rei D. José I, no anno de 1775, e esta onde presentemente se acha o museu de machinas, de armas e de outros objectos, e o deposito de artilheria antiga, trophéos das nossas victorias. [1]

Durante algum tempo serviu este campo de logar de supplicio aos criminosos. A forca esteve armada no extremo oriental, e por conseguinte distante dos dois conventos referidos. Porém, na epocha ultimamente alludida já tinha sido mudada para outro logar longe d'alli.

[1] Tratâmos d'estas fundições no capitulo do roteiro sobre *arsenaes*.

A fundação d'aquelles dois arsenaes foi causa, pelo grande numero de empregados e operarios que occupava, de que se fosse povoando o sitio. Mas quasi todas as edificações procuravam assento na ladeira do monte, por baixo dos dois conventos, e das duas fundições. Assim tambem ahi veiu tomar logar, no anno de 1679, o collegio dos jesuitas, da invocação de S. Francisco Xavier, que passado mais de um seculo foi arrasado para ahi se edificar o *hospital da Marinha*. [2]

Alguns annos antes fundaram os descendentes do primeiro viso-rei da India, D. Francisco de Almeida, um pequeno palacio para sua residencia, no lado do norte do campo de Santa Clara. Decorridos perto de oitenta annos, querendo D. Thomaz de Almeida, primeiro patriarcha de Lisboa, que a sua familia tivesse uma habitação digna dos representantes d'aquelle e d'outros heroes, que illustraram e engrandeceram o nosso paiz, mandou demolir aquelle modesto palacio, e construir outro no seu logar, maior, e de mais no-

[1] Vid. pag. 125 do vol. VI.
[2] Tratâmos d'este hospital no capitulo do nosso roteiro sobre *estabelecimentos pios*.

bre architectura, acabado o qual, pelos annos de 1740, fez d'elle doação a seu sobrinho, o primeiro marquez de Lavradio, e quarto conde de Avintes. Pouco depois edificou outro palacio junto d'este a familia Sinel de Cordes.

Porém o que fez com que se povoasse mais depressa o lado do norte do campo de Santa Clara, foi o terremoto de 1 do novembro de 1755. Logo em seguida ao cataclysmo foram-se abarracar n'este campo os moradores das visinhas parochias de S. Vicente, e de Santa Engracia, levados mais do terror do que da necessidade, pois foram estas freguezias das que padeceram menos estragos do terremoto.

Aquelle espaçosissimo terreiro esteve durante o resto do inverno, e por todo o anno seguinte, convertido em um grande acampamento, pois que, prolongando-se os abalos da terra por alguns mezes, e dando ouvidos a credulidade popular ás sinistras prophecias que circulavam de boca em boca, annunciando que a cidade se subverteria no primeiro anniversario do cataclismo, ninguem ousava, por mais incommodos que soffresse, deixar a barraca armada no meio de um campo, praça, ou quinta, para ir habitar de novo nas estreitas ruas da cidade, embora ficassem as suas casas de pé, e incolumes.

Entretanto, o tempo foi serenando os espiritos, e o rigor dos invernos obrigou as familias a procurar habitações mais commodas. Algumas voltaram para os seus antigos lares, mas outras, em grande numero, preferiram edificar novas casas em sitio desaffrontado, onde podessem viver com mais confiança. D'est'arte se encheu de predios todo aquelle lado do norte, com os quaes ficou muito reduzida a vastidão do campo, por quanto não se limitaram a guarnecel-o, estenderam-se tambem por detraz em largo espaço, formando differentes ruas e travéssas, algumas das quaes vem desembocar no dito campo.

Porém a mesma causa que operou estes melhoramentos ao norte do campo, confundiu em montões de ruinas os edificios que se erguiam na parte do sul. O convento de Santa Clara não tinha magnificencia, mas era tão grande que, na occasião do terremoto, habitavam n'elle mais de seiscentas pessoas, entre freiras, recolhidas, educandas, e criadas; e a sua egreja sobresaía entre as ricas de Lisboa pela obra de talha doirada, que a revestia interiormente de alto a baixo. Na reconstrucção não renasceu das cinzas, como a Fenix, remoçado e mais formoso. Ficou pequeno, e de mesquinha fabrica.

Das casas em que morou a infanta D. Maria nada resta, e da cerca del-rei D. Fernando, que cortava o lado de oéste do campo, apenas existem um lanço de alta muralha, que cinge a quinta do convento de S. Vicente de Fóra, hoje do sr. cardeal patriarcha, desde o portão da entrada, que se abre no Campo de Santa Clara, até ao largo do convento de Nossa Senhora da Graça, actualmente quartel, e um arco que está por baixo do pateo do mesmo convento, indo para a Cruz de Santa Helena, o qual era uma das portas da referida cerca, e se chamava primitivamente *Postigo do arcebispo*, e, depois de rotas as muralhas da cidade, *Arco Pequeno*.

Os declives de terreno e a desegualdade das construcções, em que entram o muro e portal de um dos pateos do paço patriarchal, fazem irregular e de aspecto pouco agradavel o lado sul do campo. Em compensação bordam-lhe todo o lado do norte uma longa fileira de predios regulares e bem construidos, em que se contam tres palacios de boa architectura, e adorna-lhe o centro um bonito passeio com jardim e ruas de arvores.

É este lado que a nossa gravura representa. N'ella se vê um angulo do palacio do sr. marquez de Lavradio, que tem frente para o campo e para duas ruas; em seguida o palacio, que foi da familia Sinel de Cordes, e agora propriedade do sr. Corrêa Godinho, que o comprou e reformou modernamente, accrescentando-lhe a balaustrada e vasos que o coroam; mais adiante, mettendo-se de permeio uma casa mais baixa, está o palacio que pertenceu aos condes de Barbacena, e onde falleceu, não ha muitos annos, o ultimo conde e representante d'esta familia. Fez o risco e dirigiu as obras d'este palacio o architecto Manuel da Costa Negreiros. Sua eminencia, o actual patriarcha, projectou, ha tempos, transferir a sua residencia para este palacio, e entrou em ajuste de compra com os herdeiros do conde de Barbacena. Não temos certeza se realisou a compra.

O Campo de Santa Clara deve a diversas camaras os seus modernos aformoseamentos. Constam estes de uma alameda e jardim, sustentados da parte do declive por uma muralha de pedra, que presentemente se anda melhorando. Goza-se d'este jardim dilatada vista do Tejo e das povoações e serras d'além. Todavia, a immensa amplidão do rio, que alli se patenteia com mais de duas legoas de largura, e o pouco movimento de barcos que n'essa parte o anima, dão áquelle panorama, aliás bello e grandioso, singular aspecto de melancolia. I. DE VILHENA BARBOSA.

INSCRIPÇÕES ROMANAS DA TRAVÉSSA DO ALMADA

Quando começámos a publicar a pag. 317 do vol. V o capitulo do nosso *Roteiro de Lisboa*, sobre antiguidades, tratando das quatro lapidas com inscripções romanas, que estão embebidas na parede da casa que tem frente para o largo da Magdalena e para a travéssa do Almada, apenas transcrevemos uma, omittindo as outras por brevidade. Transcreveremos aqui os periodos então supprimidos, porque nos pedem agora a sua publicação.

«Está gravada esta inscripção [1] em uma pedra de côr avermelhada, com suas molduras em torno, tendo onze palmos de comprimento, quatro palmos e tres quartos de largura, e palmo e terço de espessura.

Outra lapida muito mais pequena, da mesma qualidade de pedra, e da feição de um tumulosinho, tem a seguinte inscripção:

Matri. De
um. Mag. Idæ.
A Frhyg. T. L.
Lych Cerno
P. H. R. Pern. II Vi.
Cass. et Cass. Sta.
M. At. et Ap. Coss. Gai.

Cremos que por extenso dirá assim:

Matri Deum Magnæ Idæ a Frhygia Titus Licinius Lychaonia Cerno Provinciæ Hispaniæ Rector, Pernobilis Duumviri Cassius et Cassianus, Statuti. Mario Attilio et Aproniano Nobilissimis Consulibus, Gaio.

Traduzimos em vulgar d'este modo:

Tito Licinio Cernão, natural de Lychaonia, dedicou esta memoria á mãe dos deuses, á grande Ida da Phrygia; sendo mui nobres duomviros Cassio e Cassiano; sendo consules Mario Attilio e Aproniano, e sendo governador da provincia de Hespanha Gaio.

Estas inscripções prestam-se a differentes interpretações, e talvez esta que damos não seja a melhor; entretanto, o que é fóra de duvida é ser consagrado aquelle padrão a Cybeles, mulher de Saturno, adorada como mãe dos deuses com o nome de *magna mater*, e a quem davam entre outros titulos os de *magna Berecynthia*, *magna Dindymene*, e *magna Ida*, ou *Idea*, do nome de diversas montanhas da Phrygia, cujos habitantes a venêravam com particular culto.

[1] Vid. pag. 318 do vol. V.

A terceira lapida é pequena e quadrangular, com uma inscripção, e assenta sobre uma columna, ou diremos melhor sobre o fuste de uma columna, sem base nem capitel. A inscripção é como segue:

Deum Matr.
T. Licinius
Amarantius
V. S. L. M.

Construimol-a d'esta maneira:

Deum Matri Titus Licinius Amarantius votum suo libens merito. Em portuguez: Tito Licinio Amarantio, por voto feito de boa vontade e jùstamente, dedicou este padrão á mãe dos deuses.

A quarta lapida tem quasi cinco palmos de alto, mas está partida em toda a sua altura, faltando-lhe, ao que parece, um terço da sua primitiva largura. Por este motivo ficou truncada toda a inscripção.

O que d'ella se póde ler é o seguinte:

Mercur...
Cæsa...
August...
C Julius F. Ju...
Permissu. Dec...
Dedit. F...

Abstraindo de algumas palavras, que por ventura faltem, parece que se deve ler assim: Mercurio, Cæsari Augusto, Caius Julius, Felicitas Julia, permissu Decuriorum dedit fieri...

Póde interpretar-se este letreiro d'esta maneira: Caio Julio, natural de Felicidade Julia (era o nome que então tinha Lisboa, e que lhe fôra dado por Julio Cesar) dedica e offerece esta memoria, com permissão dos magistrados, a Mercurio e a Augusto Cesar.

Os romanos chamavam decuriões não só aos cabos, ou commandantes de dez soldados, mas tambem aos chefes das colonias, ou dos municipios, a que davam o nome de *decuriões das colonias*.

Foram achadas as quatro lapidas, acima descriptas, em 1849, nos alicerces de umas casas que andava construindo João de Almada n'aquelle mesmo sitio, chamado das *Pedras Negras*, d'onde tomou o nome a rua que vae da travéssa do Almada para a rua da Magdalena.

Acharam-se no dito alicerce muitas outras pedras, algumas com inscripções romanas, e outras com esculpturas, que mostravam serem fragmentos de edificio grande, e de nobre architectura. Entre as pedras que se tiraram contavam-se muitas columnas partidas, um capitel de ordem jonica excellentemente cinzelado e bem conservado, e um cippo de elegante desenho, com a inscripção sepulchral.

Infelizmente, á excepção das quatro lapidas citadas, todas as mais pedras, que eram de marmore, de diversas côres, foram afeiçoadas a outras obras, ou empregadas na construcção das paredes do predio que se edificava, como pedras de alvenaria. Apesar de se reconhecer que a fabrica romana, a que pertenciam aquelles fragmentos, occupava muito maior espaço do que o dos alicerces que se abriram para a nova casa, não se fez escavação alguma com o proposito de descobrir mais fragmentos, antes pelo contrario varios se descobriram, que se deixaram ficar enterrados, como aconteceu com uma grande columna de marmore, por ser difficil a sua extracção.

Houve duas epochas entre nós em que as antiguidades romanas foram apreciadas, estudadas, e cuidadosamente conservadas, salvas algumas poucas excepções. A primeira epocha teve por fundador ao nosso celebre antiquario, André de Rezende, que foi secundado por Gaspar Estaço, e outros escriptores distinctos dos seculos XVI e XVII. A segunda deve-se á instituição de diversas academias litterarias no principio do seculo XVIII, e á creação da *academia real de historia* por el-rei D. João V. Este soberano publicou um decreto, impondo severas penas aos que destruissem ou por qualquer modo inutilisassem os objectos archeologicos que se achassem, ordenando que os descobridores os conservassem, ou fizessem entrega d'elles ás auctoridades mais proximas, as quaes deveriam, por auctorisação do mesmo decreto, comprar os ditos objectos pela quantia que fosse julgada razoavel, e participar o occorrido para Lisboa, a fim do governo ordenar o que lhe parecesse.

Até ao terremoto de 1755, Lisboa estava cheia de cippos e lapidas com inscripções romanas achadas em differentes sitios da cidade, e em epochas diversas. Viam-se embebidas nas paredes exteriores da Sé, das egrejas de S. Nicolau, da Magdalena, de S. Thomé, de S. Mamede, e S. Thiago, nas dos paços do Castello, e da Casa de Bragança, ao Thesouro Velho, nas de algumas portas e torres dos muros da cidade, e em varios jardins e casas particulares.

Com o terremoto de 1755 desappareceram todas as que se achavam em edificios publicos, e quasi todas que se viam nas paredes de casas particulares. Porém o que é mais para lastimar n'esta perda, é que não foi aquelle cataclismo que as destruiu, pois que mui poucas sepultou nas ruinas. Foram os reedificadores que despedaçaram ou esconderam, nos alicerces dos novos edificios, aquellas venerandas reliquias da antiguidade, que eram ao mesmo tempo padrões da nossa historia.

I. DE VILHENA BARBOSA.

ATREVIDO DESFORÇO QUE ANNUNCIAVA UM FUTURO HEROE

El-rei D. Fernando teve da rainha D. Leonor Telles uma filha, a infanta D. Beatriz, que devia succeder-lhe na coroa d'este reino. Esta circunstancia, que fazia desejada de muitos principes a mão da infanta, foi aproveitada e explorada, com mais astucia que lealdade, por el-rei, seu pae, ora com o proposito de attrahir alliados que o ajudassem nas guerras que teve com Castella, ora com o fim de ajustar pazes com esta.

O primeiro casamento que el-rei D. Fernando ajustou para a infanta D. Beatriz foi com um principe inglez, sendo os noivos meninos de tenra edade.

Passado pouco tempo, não sendo el-rei feliz na guerra que intentou contra Henrique II de Castella, apesar do auxilio das tropas inglezas, quebrou o accordo com o conde de Cambridge, e contratou o casamento de sua filha, D. Beatriz, com D. Sancho, conde de Albuquerque, irmão natural de D. Henrique II, como condição do tratado de paz.

Variando logo depois os interesses del-rei D. Fernando, rompeu este monarcha o tratado.

Correndo o tempo, e achando-se a infanta D. Beatriz em edade de poder contrahir o matrimonio, veiu este a ajustar-se definitivamente com el-rei D. João I de Castella, e tambem como condição expressa para se pôr termo á guerra que assolava os dois paizes.

Este projectado casamento foi de todos o mais impopular em o nosso paiz. Quem amasse a independencia da patria não podia ver sem desgosto uma tal alliança, cujo resultado seria a união forçada de Portugal a Castella, e, por conseguinte, a sujeição dos portuguezes a um rei estranho.

Entretanto, apesar do desgosto publico claramente manifestado, cumpriu-se o tratado e effeituou-se o consorcio.

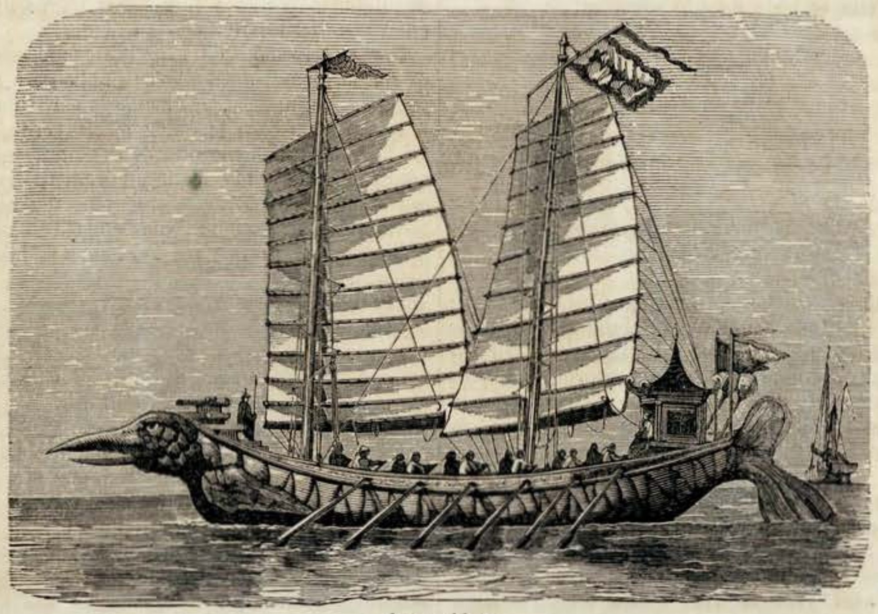
El-rei D. João I de Castella, acompanhado da rainha viuva, D. Joanna, sua mãe, e de outros principes, com grande sequito de fidalgos, chegou a Bada-

joz, ao mesmo tempo que entravam na cidade de Elvas a rainha D. Leonor Telles e sua filha, a infanta D. Beatriz, seguidas de luzido acompanhamento.

Entre as festas com que o rei de Castella solemnisou estas suas nupcias, houve um esplendido banquete dado em Badajoz a todas as pessoas que formavam as duas cortes, portugueza e castelhana. Achavam-se ricamente armadas na mesma sala duas mesas, uma para as pessoas reaes, a outra para os fidalgos das duas nações. Entrando o prestito na sala, todos tomaram o seu logar e se sentaram. Succedeu, porém, que tendo ficado para traz dois fidalgos portuguezes, ainda moços, que eram D. Nuno Alvares Pereira e seu irmão D. Fernando, quando chegaram ao pé da mesa acharam tomados todos os logares. Os seus rostos mostraram logo indignação, mas contiveram-se os mancebos por algum pequeno espaço de tempo, esperando satisfação. Como esta não chegasse, fazendo-se os castelhanos desentendidos, D. Nuno Alvares Pereira deu tal empurrão na mesa, que a lançou por terra com tudo que em si continha.

Póde-se bem julgar qual sería a impressão produzida nos convivas por um tão extraordinario successo. Ninguem se atreveu a romper o silencio causado pelo assombro geral, e todos voltaram os olhos instinctivamente para el-rei de Castella. D. João I córou, empallideceu, e successivamente se lhe tornaram a afoguear as faces, como quem sente no amago d'alma a lucta violenta de oppostos sentimentos. Prevaleceu, porém, no animo real a prudencia ou a politica. Nem uma só palavra quebrou o silencio do primeiro momento. D. Nuno Alvares Pereira, contente do desforço com que se vingára da injuria que suppoz feita a todos os portuguezes, na sua pessoa e na de seu irmão, saiu immediatamente da sala e do palacio.

I. DE VILHENA BARBOSA.



Junco chinez

Deve ser um espectaculo maravilhoso para um europeu entrar pela primeira vez em qualquer d'esses grandes portos da China. É um quadro completamente differente de tudo quanto a Europa póde offerecer á curiosidade do viajante. A exquisita architectura das casas e dos pagodes; as scenas singulares da natureza, pela pompa e variedade da vegetação; a diversidade dos trajos populares, de feitios extravagantes, mas pittorescos; as usanças e costumes d'aquellas gentes; o seu trafego ruidoso, as suas vozes e canções desusadas; tudo, em fim, excita a attenção, e promove a admiração do viajante. Porém o que mais encanta e soprende, no dizer dos escriptores que tem visitado este paiz, são as scenas maritimas que os seus portos apresentam. Não se poderá ajuizar do immenso numero de barcos que os enchem, e quasi obstruem, sem se saber que uma boa parte da população da China trafica e vive sobre a agua, no mar, nos rios, nos canaes e nos lagos, não tendo mais casa que a embarcação em que se accommoda uma familia inteira.

É, pois, admiravel ver uma tal multiplicidade de barcos, de todos os tamanhos, de variadissimos feitios, até de fórmas phantasticas, imitando feras ou aves, e empavezados de bandeiras, flammulas e galhardetes, de côres variegadas e garridas. Encanta vel-os de dia n'um giro continuo, cortando as aguas uns após outros, como em regata, e cruzando-se em todos os sentidos, ao som das vozes alegres dos mareantes. Soprende vêl-os á noite atracados aos caes ou ás margens, e unidos uns aos outros, figurando uma cidade fluctuante, que de repente se illumina ao cair das trevas, elevando cada um e pendurando no mastro a sua lanterna, d'onde a luz se côa frouxamente através de engenhosas pinturas multicôres.

A nossa gravura dá uma idéa das invenções phantasiosas dos chins na construcção dos seus navios e barcos. Representa um junco de guerra da fiscalisação da alfandega da cidade de *Tien-Tsin*. Quem não dirá, vendo-o, que tem diante de si uma d'essas ficções maravilhosas que costumam apparecer nas peças magicas? E, todavia, é uma embarcação do estado, e empregada em mister bem prosaico. Póde, portanto, servir para amostra das que alli se destinam ao recreio dos poderosos.

A cidade de *Tien-Tsin* está situada nas margens do Pei-ho, que, juntamente com o canal imperial, a divide em tres partes. A sua posição sobre aquelle grande rio e sobre este magnifico e extenso canal, e a sua communicação fluvial com Pekim, tem-n'a feito muito prospera. Conta mais de quinhentos mil habitantes. Foi n'esta cidade que se ajustou o tratado de paz e de commercio, em 1858, entre a Inglaterra e a França de uma parte, e a China da outra.

O Pei-ho ficou bem conhecido na Europa desde a ultima guerra com o celeste imperio, em que as esquadras alliadas, combatendo valorosamente as fortalezas dos chins, forçaram a passagem d'este rio no logar em que estava mais bem defendido, avançando sobre a capital, que se rendeu aos invasores.

I. DE VILHENA BARBOSA.

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio